

REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO E APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA: ESTUDO DE CASO NO IFPA CAMPUS BELÉM

Sthefane Micaela Carvalho de Sousa

micaelasousageo@gmail.com¹

Resumo

Este trabalho tem por finalidade tratar do ensino de geografia, especificamente do processo que permeia o ensino e a aprendizagem, a partir do uso das metodologias de ensino e dos diferentes recursos didáticos. Durante a realização do estágio supervisionado na turma de 3º ano do curso de agrimensura do IFPA Campus Belém, observamos a não interação dos alunos durante as aulas de Geografia, bem como outras situações, como: desatenção, desânimo, desmotivação e desinteresse pela Geografia, que refletiam inclusive em avaliação (notas) abaixo da média. Tais comportamentos foram significativos para gerar inquietações como por exemplo: quais elementos são preponderantes para promover essa problemática? Ou essa problemática se dá por ser um curso médio integrado? Ou o professor é o influenciador para essa questão? Seria possível outras metodologias de ensino para verificar envolvimento e aprendizagem da turma? Diante disso, pode-se entender que todos de certa forma influenciam nessa problemática e há possibilidades a serem desenvolvidas para modificar a questão apresentada, onde é necessário a reflexão do processo de ensino e aprendizagem, contudo nesse trabalho o delimitado para a resolução parcial do problema foi a utilização de um novo recurso didático (uso do vídeo: atrelado ao teatro, dramatização, documentário) que fizeram parte da pesquisa-ação desenvolvida no mesmo.

Palavras-chave: Ensino, Aprendizagem, Recurso didático.

Introdução

O presente trabalho versará sobre o ensino de Geografia, com ênfase no processo que envolve o ensino e a aprendizagem a partir de diversificadas metodologias e uso de recursos didáticos. O objeto de estudo foi delimitado a partir da prática do estágio supervisionado IV, momento em que observamos uma das turmas em que atuávamos. Durante o período de observação realizada, algumas questões se apresentaram, como: o desinteresse de parte dos discentes da turma pela disciplina Geografia, o baixo rendimento visto nas primeiras avaliações (representando aproximadamente 60% da turma), a não interação nas aulas, alunos desatentos

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Belém-PA, /

² Professora de Geografia Mestre do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Belém-PA/ Produção de Trabalho de Conclusão de Curso (2018).



(parte dos alunos não prestavam atenção, dormiam durante a aula), etc. Fato que nos inquietou, e nos levou a fazer perguntas, como: De quem é o problema nesse processo? Quais elementos contribuem para isso? Essa problemática se dá por ser um curso técnico integrado (possuidor de algumas especificidades)? Ou o professor é o influenciador para essa questão? A carga horária deste aluno contribui para esta problemática? E, principalmente, poderiam ser usadas outras metodologias de ensino durante a aula? Para essas questões levantadas, pode-se dizer que de certa forma todos os elementos apontados acima contribuíram para a problemática, contudo, nesse trabalho foi delimitado para resolução parcial da problemática a análise da metodologia de ensino e o uso do recurso didático. Assim, foi pesquisado a turma do 3º ano do curso Técnico em Agrimensura do IFPA campus Belém, do semestre 2017.2. Desse modo, a relevância em tratar do ensino da Geografia ocorreu porque durante o estágio de observação notamos que os alunos não tinham interesse pela Geografia, além de que eles afirmavam não se identificar com o que o professor ministrava em sala. Ressaltaram também que este fato era refletido em suas notas.

Desse modo, foi definido um breve histórico acerca da formação docente e ensino de Geografia, onde percebe-se que a partir do ano 2000, esses cursos de licenciatura passaram a apresentar uma maior interligação com conteúdos pedagógicos e os específicos de área, sabendo-se a importância das disciplinas pedagógicas e as suas influências no saber-fazer docente, ou seja, na aplicação dos conteúdos de área e a relevância disso em sala de aula.

E é justamente durante a prática do estágio supervisionado que se inicia a pesquisa desse trabalho. Vale destacar ainda que este serviu de base para a presente pesquisa, uma vez que entende-se que a sala de aula nessa visão mais contemporânea é o campo de pesquisa do professor, podendo auxiliá-lo a entender os problemas que envolvem o processo de ensino e aprendizagem da Geografia. A metodologia da pesquisa foi pautada em observação e em pesquisa participativa quando os pesquisadores estiveram participando do processo de ação executada dentro da turma analisada, utilizando um método experimental partindo da ideia de que as atividades pensadas para a tentativa de resolver a problemática do desinteresse poderiam trazer resultados satisfatórios ou não no âmbito da relação ensino-aprendizagem e as formas de compreensão do aluno nas aulas de Geografia. Em outro momento, a coleta de dados manteve a linha cronológica dos fatos. Durante a observação foram vistos os resultados e identificados os principais atores desse processo. Por fim, realizamos entrevista, como técnicas de pesquisa

que valorizam o sujeito praticante da ação analisada, com objetivo de compreender a visão de quem está à frente do processo e como as ações melhoraram as suas aulas.

Objetivos

- Geral

Analisar a estrutura da formação inicial bem como o processo que envolve o ensino aprendizagem a partir das diversas metodologias e recursos didáticos;

- Específicos:

Analisar os condicionantes influenciadores para uma boa transposição didática no ensino de Geografia; Identificar as razões que levam o aluno ter um distanciamento da disciplina Geografia e Compreender se a problemática do desinteresse pela Geografia está atrelada somente ao discente;

Metodologia

A metodologia da pesquisa foi pautada em observação e em pesquisa participativa quando os pesquisadores estiveram participando do processo de ação executada dentro da turma analisada, utilizando um método experimental partindo da ideia de que as atividades pensadas para a tentativa de resolver a problemática do desinteresse poderiam trazer resultados satisfatórios ou não no âmbito da relação ensino-aprendizagem e as formas de compreensão do aluno nas aulas de Geografia. Em outro momento, a coleta de dados manteve a linha cronológica dos fatos. Durante a observação foram vistos os resultados e identificados os principais atores desse processo. Por fim, realizamos entrevista, como técnicas de pesquisa que valorizam o sujeito praticante da ação analisada, com objetivo de compreender a visão de quem está à frente do processo e como as ações melhoraram as suas aulas.

Fundamentação Teórica

As representações de docência correspondem concomitantemente ao que é transmitido pelas instituições de formação de professores, que segundo (MARTINS e TONINI, 2016. p.100) nos diz que saberes disciplinares (corresponde aos diversos campos do conhecimento); saberes curriculares (correspondem aos programas escolares que incluem objetivos, conteúdos e métodos, etc.) e saberes experienciais (saberes ligados às experiências individuais e às coletivas, “de saber fazer e de saber ser”), isso trata o professor como mediador não somente



dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula como também uma extensão de suas próprias perspectivas partindo das vivências, como o estágio curricular supervisionado que permite a observação de outros professores e permite criar uma identidade profissional, partindo do pressuposto que não são repassados e compreendidos da mesma forma que analisa como parte constituinte da construção da identidade. (PIMENTA, 2000. p. 20)

O professor de Geografia, dentro da licenciatura plena, deve ter o equilíbrio entre as disciplinas específicas e pedagógicas, isto é, preparar-se para o trabalho em sala de aula, compreender o aluno e a sua forma de aprender, levando em consideração a ideia de que existem dentro de sala diversidades de alunos, questões individuais e suas especificidades que fazem do professor um intermediador do processo de aprendizagem.

Para Cavalcanti (1998, p. 144) “a atitude é do professor; é ele, em interação com os alunos, quem desencadeia a ação e quem tem a chance de verificar, na dinâmica do processo, sua adequação e eficiência em função dos seus propósitos”. Dentre essas habilidades uma está em pensar na didática e o papel importante que ela desenvolve na prática docente. Trazendo para o contexto dos cursos de formação de professores, a didática em seu caráter prático serve de auxílio para a concretização do trabalho pedagógico. estágio supervisionado, que dentro desse processo de construção do saber docente, pode se considerar como sendo o momento de aplicação da teoria trabalhada no percurso formativo do licenciado, um dos primeiros contatos com as problemáticas em sala, que vão muito além de saber lidar com o diferente, mas também como aplicar conhecimentos que, muitas vezes, não foram estudados no referido percurso, ou seja, em muitos momentos observamos que a prática acaba sendo distinta da teoria apresentada em diversas situações de estudo, como Pimenta e Lima (2015, p. 33) afirmam “Os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, sem qualquer explicação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem”, pois somente durante a prática é que saberá de que forma agir ou não agir, isso gera problemas como o não saber lidar com situações do tipo: o não “gostar” do aluno, por exemplo, da disciplina, alunos desatentos nas aulas, a questão do saber intervir, as metodologias adequadas a cada turma.

O estágio é considerado um dos primeiros contatos do graduando com o ambiente de trabalho, sendo importantíssimo para a construção da identidade docente, além de ser importante para o processo de construção da identidade docente, pode se considerar como sendo o primeiro contato do discente com o trabalho em sala de aula e para este trabalho representa o

meio que proporcionou a construção do objeto e problemática de pesquisa, dando ênfase à concepção dos estágios supervisionados no curso de licenciatura em Geografia do IFPA Campus Belém, percebendo-se que o Projeto Pedagógico de Curso (PPC), que define o que a Geografia deve conter para a formação de professores (os conteúdos previstos, as disciplinas, a formatação da ementa do curso). São habilidades a serem exercidas e competências para formação do currículo de professor que tem seu embasamento nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os quais norteiam o que deve ser adquirido como os conhecimentos trabalhados em sala de aula, do futuro docente. Como pode ser percebido em consonância com a lei nº 11.788 de 25 de setembro de 2008 que o:

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando.

§ 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.

Para isso é necessário analisarmos o currículo sendo este um manual na formação inicial do professor, onde estão contidas competências e habilidades necessárias ao professor, concomitante ao período de 3 a 4 anos de curso, entendendo a importância dos objetivos curriculares a formação inicial. O PPC de Geografia do IFPA prevê um currículo com carga horária de 3.400 horas, sendo 480 horas, assim distribuídos: 400 horas são de vivência escolar e 80 horas para execução de atividades como provas, trabalhos, relatórios, projeto de ensino-orientação, em que o graduando deve cumprir nos quatro semestres finais da graduação.

Resultados e Discussões

A turma no momento, analisada passava por transições trazendo consigo comportamentos desmotivadores e considerados importantes na sua relação com a Geografia: notas baixas, disciplinas acumuladas, com isso trazendo à tona problemas estruturais e institucionais que refletiam diretamente nos educandos. As observações iniciam-se no semestre em andamento, levando em consideração que os alunos já haviam passado por dois processos avaliativos e se encaminhavam para a 3ª bimestral, neste período iniciaram-se também as observações de



estágio supervisionado. Na qual, permite refletir os condicionantes para a atual condição de aprendizagem da turma e compreender em grande parte suas dificuldades e qualidades, os trabalhos começaram a partir do mês de fevereiro com a apresentação de novos conteúdos para a 3ª bimestral. Em análise, o planejamento da disciplina para a 3ª Bimestral se desenvolveu sobre a Regionalização do Brasil em foco a modernização do espaço amazônico, por meio dos grandes projetos de desenvolvimento para a região, o processo de ocupação na criação de novos municípios e seus fatores desde o processo de colonização do território Amazônico. Os assuntos a serem discutidos disponibilizavam aos alunos uma base para estudar Amazônia como está previsto no plano de desenvolvimento da disciplina, proposto pelo professor e a criação de metodologia utilizados para a aprendizagem.

Posteriormente a observação e análise da turma acerca de desenvolver, uma maneira que pudesse dinamizar, as aulas, tentar motivar e deixar os alunos mais atentos, questionadores e terem autonomia, Cavalcanti (2010, p.1) fala que: “Grande parte dos professores tem a expectativa de encontrar alunos motivados, com interesse pela matéria. Falta-lhes, talvez, suficiente clareza dos processos que interferem na cognição”. Desse modo, a motivação do aluno não é algo que está intimamente ligado a sala de aula, há um conjunto de fatores preponderantes nesse processo, como o ambiente escolar, a estrutura do local, o livro didático e não podemos esquecer que cada aluno possui sua individualidade, ou seja, no sistema de ensino proposto que tenta ao máximo padronizar, acaba assim, não sendo bom para o estudante. É necessário essa atenção do professor, ele deve estar sempre atento a suas turmas, saber os motivos relevantes, para o alunos a não quererem aprender. Entendendo ao máximo, que sem os discentes, pode-se dizer que não ocorre o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o ensino é considerado uma via de mão dupla. Quando, Cavalcanti (2010, p. 3) expõe que “ensinar conteúdos geográficos, com a contribuição dos conhecimentos escolares, requer um diálogo vivo, verdadeiro, no qual todos, alunos e professores, tem legitimidade para se manifestar”. Nessa perspectiva, é importante saber como o estudante percebe isso e se de fato esse processo ocorre. Pois na contemporaneidade rompemos, com o ensino dito tradicional, em que via o alunado com um simples receptor de conhecimento, não entendendo que este é fator principal no processo de aprendizagem. Onde para Cavalcanti (2010, p.3):

Se a tarefa do ensino é tonar os conteúdos veiculados objetos de conhecimento para o aluno e se a construção do conhecimento pressupõe curiosidade pelo saber, esse é um obstáculo que precisa efetivamente ser superado. Para despertar o interesse cognitivo dos alunos, o professor deve atuar na mediação

contribuição da Geografia na vida cotidiana, sempre a contribuição da Geografia na vida cotidiana, sem perder de vista sua importância para uma análise crítica da realidade social | e natural mais ampla.

Nessa situação, em diálogo estabelecido entre o professor e as estagiárias, surgiram sugestões na tentativa de mudança, da realidade dessa turma. Proposta 1: uma roda de conversas sobre a Amazônia; Proposta 2: trabalho com vídeo/ documentário da Amazônia. Foi decidido, utilizar a segunda opção, uma vez que, com isso aproximaríamos os estudantes a algo de suas realidades. Em que, a proposta se pautava em utilizar o celular para a execução do vídeo, Ferreira (2014, p. 44) discursa sobre “as pessoas aprendem de diferentes formas, maneiras e estilos em diferentes níveis na construção da aprendizagem”. Essa lógica, traz uma perspectiva diferente, da realidade desses estudantes, onde poderemos maximizar a aprendizagem destes, como afirma Machado e Matos (2014, p. 154):

Existem diversos tipos de recursos didáticos e inúmeras formas de utilização em distintas situações de ensino e aprendizagem. Eles têm a função de motivar e despertar o interesse pela apresentação; favorecer o desenvolvimento da capacidade de observação; favorecer o desenvolvimento da capacidade de observação; aproximar o aluno da realidade; visualizar ou concretizar os conteúdos da aprendizagem; oferecer informações e dados; permitir a fixação da aprendizagem; ilustrar situações mais abstratas, e desenvolver a experimentação concreta.

Em vista disso, o ensino e aprendizagem não pode ser fechado em somente uma metodologia de ensino, uma vez que, se limita dessa forma, não há como dinamizar, ter outros olhares e outras metodologias que possibilite o ensino-aprendizagem do estudante. É necessário entender, como Castellar e Vilhena (2010, p. 60) afirmam que o ensino “em uma prática de ensino mais dinâmica, que o aluno possa não só dar significado, mas compreender o que está sendo ensinado”. Desse modo, é possível que uma metodologia de ensino faça sentido, proporcione a aprendizagem e não seja na forma tradicional.

A Produção de Vídeo pelos alunos

Adentrando a discussão do espaço amazônico foram projetadas atividades expositivas, a partir da construção do processo de ocupação da região amazônica descrito por Oliveira (2002) sobre as comunidades tradicionais presentes na Amazônia, no entanto os alunos ficaram

relativamente livres para pensar no que iriam expor sendo levados em consideração que os capítulos dos textos propostos fossem necessariamente trabalhados na exposição, os estagiários fizeram contribuições na escolha do recurso que eles escolherão para apresentar trazendo novas ideias para a realização.

Na culminância, a turma dividida em grupos, trouxeram metodologias não trabalhadas antes nas aulas, não com o objetivo somente de transposição mas também como de participação ativa dos alunos, então no dia 27 de março de 2018, os estudantes apresentaram suas produções foram: documentários, vídeos animados, programas de tv, teatro de fantoches e música que caracterizam cada capítulo do livro e proporcionando um momento até então não visto dentro de sala, uma interação entre os colegas, com o professor, além do mais toda a produção antes das apresentações que mostram a potencialidade dos alunos.

Figura 1: Vídeo apresentado pelos alunos em sala



Fonte: Micaela Souza, 2018.

Na imagem acima podemos contemplar a socialização dos produtos dos alunos que foi com apresentação do documentário do vídeo, confeccionado pelos estudantes, a partir de seus celulares e formatado pelos mesmos, eles produziram, executaram o vídeo, o papel do professor e dos estagiários foi somente de tirar dúvidas, guia-los nesse processo de ensino-aprendizagem.

Figura 2: Apresentação do teatro pelos alunos



Fonte: Micaela Souza, 2018.

Nessa outra imagem acima é um outro momento de socialização dos alunos, onde eles estão apresentando o teatro de fantoche que eles mesmo criaram o roteiro, suas falas de acordo com a temática acertada em sala de aula, que contemplava a Amazônia dentro dessa perspectiva.

Resultados Obtidos

Para Tardif (2002, p. 167), “ensinar é entrar numa sala de aula e colocar-se diante de um grupo de alunos, esforçando-se para desencadear com eles um processo de formação mediado por uma grande variedade de interações”. Nessa perspectiva, nota-se que a interação com propostas metodológicas diferentes possibilitou um avanço da turma na questão de interesse pela Geografia, tendo em vista a possibilidade do professor de motivá-los, o método utilizado anteriormente se resumia na prática docente considerada tradicional dentro da IES, onde se usa o quadro e apresentação de slides e vídeos sobre os assuntos que pela carga horária dos alunos se tornava pesada e desinteressante que resultou em notas baixas e baixo rendimento sendo de suma importância o pensamento de novas práticas para a turma.

Na turma, foi observado alunos que possuem potencialidades como Oralidade, participação e talento para o uso das plataformas digitais normalmente não encontradas em alunos de ensino médio da educação básica, o diferencial dentre as turmas do Instituto Federal do Pará e das outras instituições está na oferta de cursos técnicos integrados ao ensino médio, onde se tem uma carga horária a mais do que o ensino médio básico com disciplinas específicas de cada curso, a turma que foi observada é de Técnico em agrimensura, onde se aprendem noções cartográficas, mapeamentos, o uso do solo e entre outros sendo assim o uso da geografia uma disciplina importante na sua grade curricular, no entanto, com os seguintes fatos visto em



sala dos discentes que são: (o porquê do não “gostar” da disciplina Geografia, não interação dos alunos nas aulas, a falta de atenção, o sono durante as aulas expositivas), dessa forma, como explicar tais desinteresses?

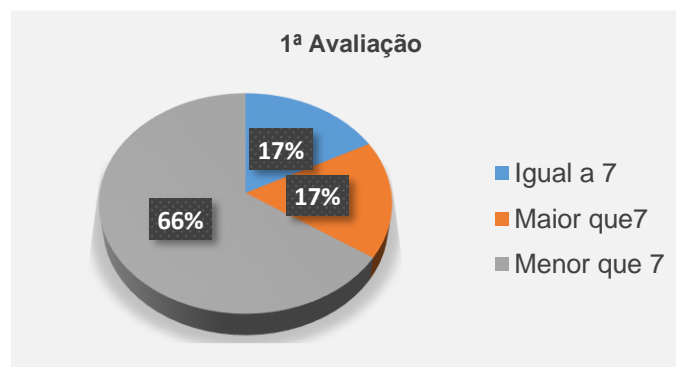
Pensando no uso de novos recursos didáticos, ferramentas utilizadas em sala de aulas pelos professores para melhorar no ensino- aprendizagem dos alunos, elas podem ser do mais simples aos mais complexos dependendo de como o professor deseja trabalhar. Anteriormente eram utilizados na turma recursos de quadro, data show e leitura do livro que dentro daquela realidade não eram suficientes, porque a transposição não se resume somente ao repassar o conteúdo, mas na compreensão correta dos conceitos trabalhados. Os recursos funcionam como um canal, que transmite o contexto utilizado em sala de aula procurando não somente avaliação como uma interação dinâmica e recíproca no processo de ensino-aprendizagem proposto pelo professor. Logo é perceptível em curto espaço de tempo, os novos recursos obtiveram a capacidade de despertar e estimular a criatividade dos alunos na sala, forçando-os a construção de nova perspectiva do debate político e social proposto pelo professor, tornado o aluno participante da construção do conhecimento. E essa nova prática abrangeu também na postura do professor, que está se enquadrando nos novos métodos educacionais para o seu rendimento próprio e dos seus respectivos alunos, melhorando o entendimento em relação ao assunto trabalhado fixando de forma mais confortável o processo.

No entanto, para a utilização dos recursos didáticos é necessário ser planejado e discutido, onde o espaço escolar deve ser visto como um espaço de constantes mudanças, em que o aluno possa, de forma participativa, interagir positivamente na construção do conhecimento. Por isso ensinar com essas novas ferramentas deve ser proveitoso para assim mudarmos paradigmas clássicos que muitas vezes distancia o professor do aluno. O ensino da Geografia pauta-se em muitas vertentes não só teóricas, mas também metodológicas que permitem valorizar a relação de Ensino-aprendizagem dos conhecimentos geográficos. Para este trabalho foi definido como meio de entender a dinâmica da turma, através daquilo que compreenderam sobre os conteúdos, uma breve análise das notas bimestrais, ou seja, a nota a partir de uma parte da avaliação, que nem sempre pode ser considerado bom, pois a avaliação entendida somente como as notas a parte final do processo que envolve o ensino e aprendizagem, não leva em consideração vários fatores como, a prova nem sempre avalia e a nota nem sempre significa que o aluno aprendeu ou não, uma vez que, dependendo do dia, de condicionantes como um dia “mal” ao estudante, o falecimento de um

ente querido, a ansiedade gerada pela prova, ou simplesmente o peso atribuído a prova pode gerar uma nota que não condiz com o desenvolvimento durante o semestre pelo aluno, ou um aluno que somente estudou para passar naquela prova e se perguntado sobre o conteúdo ele não sabe explicar, pois não compreendeu de fato, para isso Hoffmann (2005, p. 16) afirma que “ a avaliação é a reflexão transformada em ação”, ou seja, entender que é necessário a compreensão da avaliação não somente como um momento determinado pela prova, mas sim como um processo acumulativo, definido pelo percurso percorrido pelo estudante durante o período de estudo. Onde para Hoffmann (2005, p. 18) é preciso compreender que “avaliar e dinamizar oportunidades de auto-reflexão, num acompanhamento permanente do professor que incitará o aluno a novas questões”.

Como parâmetro no sentido das as avaliações com aspectos quantitativos foi levado em consideração a nota 7 (média padrão para o aluno ser aprovado no IFPA), em que foi separado em três categorias: alunos que obtiveram nota 7; igual a 7 e maior que 7, durante as 4 avaliações de acordo com a caderneta de notas dos estudantes, é valido entender que as 1ª e 2ª avaliações serviram para contextualizar a turma e poder analisar o desempenho quantitativo no quesito notas nas bimestrais.

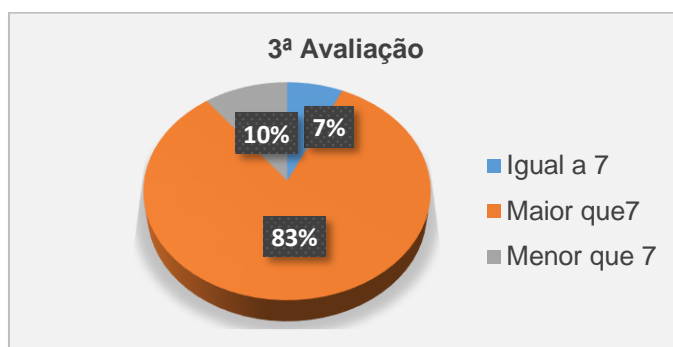
Gráfico 1: Gráfico com as Notas da 1ª avaliação



Fonte: Luciene Teixeira, 2018.

O gráfico 1 traz uma contextualização das notas dos alunos da 1ª avaliação que representa o desempenho na bimestral, pode-se concluir como negativo onde como pode ser verificado no gráfico que 66% dos alunos tiveram nota inferior a sete, abaixo da média considerada para o bimestre o podemos também perceber que 17% tiveram nota igual a sete e 17% alcançaram nota maior que sete.

Gráfico 2: Gráfico com as Notas da 3ª avaliação



Fonte: Luciene Teixeira, 2018.

Na 3ª avaliação ocorre uma surpreendente melhora para os alunos na questão quantitativa das notas, onde como o gráfico 5 demonstra o percentual de alunos com nota maior que 7 é de 83% um aumento bem significativo quando levamos em consideração que a 1ª bimestral o percentual foi de 17% de estudantes com nota maior que 7 e na 2ª de 38% pode-se perceber uma evolução nesse sentido, e nessa 3ª bimestral vamos ter somente 10% dos alunos com nota inferior a 7, o que pode ser considerar bom essa evolução da turma. Isso contempla um desenvolvimento dos alunos, onde é justamente na 3ª bimestral é que temos a aplicação de recurso didático diferente (uso do vídeo), desse modo, pode-se concluir a eficácia do método, uma vez que, temos uma melhora gradativa das notas da turma e partir disso entendemos que o uso dos recursos metodológicos auxiliam no processo envolvendo o ensino e a aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, a pesquisa se desencadeia na reflexão do ensino da Geografia e na formação docente, sendo necessário o aprofundamento da construção dessa forma de transposição didática, isto é, ensinar Geografia pode ser naturalizada nos currículos propostos nos cursos de licenciatura que desenvolvem fases durante o curso e iniciação à prática docente por meio do estágio supervisionado obrigatório, que neste caso é um canal de análise da pesquisa participativa desenvolvida no campo de estudo e investigação.

Quando pensamos em formação docente leva-se em consideração uma construção muito além de teórica-formativa mas de uma prática-participativa onde o futuro docente ou o discente em formação continuada deve se adaptar às práticas inovadoras presentes no atual cenário

educacional que é analisado. A construção do saber/fazer está diretamente ligada a forma na qual os atores que participam da comunidade escolar se encaixam para a execução da relação ensino-aprendizagem, muitos são os fatores que determinam como vai se ensinar e também como vai se aprender, levando em consideração os desafios encontrados no caminho do docente.

O tema torna-se importante quando analisamos como o professor está sendo formado dentro da academia, sendo condicionado a participar desse processo que vai além de saber geografia, mas também como ensiná-la de forma clara e objetiva, tendo como consequência o bom rendimento do aluno e, possivelmente, a interação com as metodologias propostas, fazendo a geografia se tornar mais interessante ao aluno seguindo as suas propostas curriculares oferecidas na academia, que preparam pedagogicamente o sujeito para as diversidades encontradas em sala.

Vale ressaltar, que o canal utilizado metodologicamente para a fundamentação da pesquisa está no Estágio supervisionado Obrigatório que oportunizou aos pesquisadores um campo amplo para atuação, no que concerne à observação da prática docente, à participação na construção de novas metodologias, à elaboração de material didático, bem como na criação de avaliações. Sendo assim, foram percebidas muitas transformações no decorrer do semestre letivo, isso nos permitirá a formação da identidade profissional. No que se refere a questão metodológica, o campo de atuação da pesquisa é o Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), em particular a turma de 3º ano Técnico em Agrimensura 2017.2 sendo necessário pensar os elementos metodológicos que interferem diretamente na relação ensino-aprendizagem, em função das condições físicas, psicológicas e da IES. As técnicas de pesquisa metodologicamente estão relacionadas a observação, pesquisa bibliográficas, entrevistas sobre ensino de geografia e as ações que tornam possível a participação do pesquisador na sala de aula, não deve se excluir as verdadeiras faces de uma sala de aula e a visão docente e discente sobre ser professor.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia: escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.



DEMO, Pedro. **Professor/ conhecimento**. UnB, 2001. Disponível em <antigo.enap.gov.br/ downloads/ ec43ea4fprofessor_conhecimento. Pdf.> acessado em 05 de agosto de 2018.

SILVA, Miqueias Virginio da. O Estágio Supervisionado como Possibilidade Interventiva no Ensino de Geografia: contribuição para uma formação profissional na contemporaneidade. **Revista de Ensino de geografia**, Uberlândia, V.6, n.11, p. 157-172, jul/ dez. 2015.

PASSINI, ELZA YASUKO. **PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA E ESTÁGIO SUPERVISIONADO**. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2007. 221P. LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008;

PERRENOUD, Phillippe. **Dez novas competências para ensinar**; trad. Patricia Chittani Ramos- Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. Revisão Técnica: José Cerchi Fusari, - 7. Ed. – São Paulo; Cortez, 2012. (coleção docência em formação série saberes pedagógicos)

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999. (p. 15 a 34).

PONTUSCHKA, Nidia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia** / Nídia Nacib Pontuschka, Tomoko Iyda Paganelli, Núria Hanglei Cacete. 1a ed. - São Paulo: Cortez, 2007.

SAIKI, Kim & GODOI, Francisco Bueno de. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. IN: PASSINI, Elza Yasuko et al (Org.). Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Revista educação e pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p. 443-466, set./ dez. 2005.